

DIREÇÃO DE

José Eduardo Franco

DICIONÁRIO DOS ANTIS

A CULTURA PORTUGUESA EM NEGATIVO

VOLUME 2



COORDENAÇÃO DE

Adelino Cardoso ✂ Aida Sampaio Lemos
António Castro Henriques ✂ Carlos Fiolhais
Helena Mateus Jerónimo ✂ João Relvão Caetano
Joaquim Pintassilgo ✂ José Carlos Lopes de Miranda
Luís Machado de Abreu ✂ Luiz Eduardo Oliveira
Manuel Curado ✂ Manuel Silvério Marques ✂ Micaela Ramon
Pedro Barbas Homem ✂ Ricardo Ventura

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes (IECCPMA)
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo – Volume 2

DIREÇÃO

José Eduardo Franco

COORDENAÇÃO

Adelino Cardoso, Aida Sampaio Lemos,
António Castro Henriques, Carlos Fiolhais,
Helena Mateus Jerónimo, João Relvão Caetano,
Joaquim Pintassilgo, José Carlos Lopes de Miranda,
Luís Machado de Abreu, Luiz Eduardo Oliveira,
Manuel Curado, Manuel Silvério Marques, Micaela Ramon,
Pedro Barbas Homem, Ricardo Ventura

DESIGN, CAPA E PAGINAÇÃO

António Rochinha Diogo | ARD-Cor

EDIÇÃO E REVISÃO

Maria José Figueiredo (coord.),
Álvaro Almeida, Milene Alves, Vanda Figueiredo

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO

Novembro de 2018

ISBN

978-972-27-2716-7

DEPÓSITO LEGAL

443944-18

EDIÇÃO

1020391

Ant
O ter
for
na antig
da como
ternacio
Europa a
em que
superada
latim rep
cultura.
esta líng
importan
religião,
etc. Ao lo
europeia
siderada
elite cult
A partit
no da frag
e a quebr
comunica
evoluir de
espaço d
nando, e
expressõe
seguinte.
propriam
dido com
entanto.
aristocrati
numa car
estudavam
ma latina
temente
época. A i
ção da lg
fatores co
língua lat
nicação p

pedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago (accedido a 18 abr. 2016); "José Saramago", *Wikipedia* [versão espanhola], 6 abr. 2016: http://es.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago (accedido a 18 abr. 2016); "José Saramago", *Wikipedia* [versão inglesa], 6 abr. 2016: http://en.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago (accedido a 18 abr. 2016); "José Saramago", *Wikipedia* [versão portuguesa], 11 abr. 2016: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Saramago (accedido a 18 abr. 2016); LOURENÇO, Graça, "Saramago: o rei vai nu!", *None Nova*, 2 nov. 2009: <http://nonenova.blogspot.pt/2009/11/saramago-o-rei-vai-nu.html> (accedido a 18 abr. 2016); MARQUÊS, "Que faço aqui?", *Uma Fatia de Pão e Um Copo de Vinho*, 11 dez. 2013: <http://umafatiadepaoeumcopodevinho.blogspot.pt/2013/12/que-faco-aqui.html> (accedido a 18 abr. 2016); MIGUEL, Afonso, "A dúvida sobre Saramago", *Semper Idem*, 27 ago. 2009: <http://semperidem.blogs.sapo.pt/a-duvida-sobre-saramago-78681> (accedido a 18 abr. 2016); MORENO, Júlio, "Saramago e a Bíblia, o Alcorão... e que mais?", *Must Be*, 19 out. 2009: <http://mustbe.blogs.sapo.pt/6811.html> (accedido a 18 abr. 2016); SAMUEL, "José Saramago (1922-2010)", *Cantigueiro*, 18 jun. 2010: <http://samuel-cantigueiro.blogspot.pt/2010/06/jose-saramago-1922-2010.html> (accedido a 18 abr. 2016); "Saramago era 'populista extremista', afirma obituário no jornal do Vaticano", *Globo*, 19 jun. 2010: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/06/saramago-era-populista-extremista-afirma-obituario-no-jornal-do-vaticano.html> (accedido a 18 abr. 2016); SEPÚLVEDA, Torcato, "José Saramago critica responsáveis da Cultura", *Público*, 10 maio 1992: <http://static.publico.pt/docs/cmfautores/joseSaramago/terceiraVezCensurado.htm> (accedido a 18 abr. 2016); SILVA, Gil, e MOURÃO, Paulo, "Padre Ângelo Minhava [entrevista]", *Eito Fora: Jornal de Vilarelho*, n.º 9, ago.-set. 1999: <http://www.trasosmontes.com/eitofora/numero9/perfil.html> (accedido a 18 abr. 2016).

† PAULA LAGO

Antissaudosismo

Para indagar a razão de ser de um sentimento antissaudosista, convém começar por situar a problemática em torno da saudade e do saudosismo. Tanto quanto nos é dado saber, a palavra "saudade" é quase tão antiga quanto a fundação da nacionalidade portuguesa. Já a encontramos proferida num sermão que o bispo português D. Pedro Pitões, em 1147, dirigiu aos cruzados que se propunham conquistar Lisboa, e, a partir de então, aparece com frequência no léxico português. D. Duarte (1391-1438), 11.º Rei de Portugal, apresenta-a como um sentimento ligado ao coração e oposto à razão, com tradução apenas no léxico galaico-português, sendo, então, recorrente nas cantigas de amigo, em Bernardim Ribeiro (c. 1482-c. 1552), Agostinho da Cruz (1540-1619), Francisco Manuel de Melo (1608-1666) e Almeida Garrett (1799-1854), que, em pleno romantismo, lhe traçou um lugar especial no imaginário português ao defini-la como "gosto amargo" e "delicioso pungir". Mas foi Leonardo Coimbra (1883-1936) que a pensou através dos elementos étnicos, religiosos e filosóficos que foram sendo lançados na tradição especulativa por aqueles que ajudaram a fundar e a fundamentar as características do homem português, em comum com o seu irmão galego, do qual, desde o início da nacionalidade, se mantém afastado. O galego Ramon Piñeiro (1915-1990) tratou-a enquanto categoria existencial que se opõe à razão e se liga ao sentimento e à emoção, impondo-se como característica distintiva de uma filosofia única, confinada a um povo dividido em duas parcelas, a Galiza e

Portugal. A saudade assim pensada representa o desejo de retorno a essa idade primordial que foi quebrada pela força.

Contudo, o grande teorizador da saudade foi Teixeira de Pascoaes (1877-1952), que ajudou a dar corpo ao movimento da renascença portuguesa e que, na ressaca da instauração da república em 1910, se propunha renovar Portugal, colocando a saudade como conceito ontológico primordial da portugalidade que importava desbravar. O poeta amarantino considerava que na saudade se encontravam fundidos o paganismo e o cristianismo, união esta que caracterizava o essencial do homem galaico-português. Fusão entre o desejo carnal, pagão, e a dor espiritual, semita e cristã, um pouco a lembrar o Eros platónico, filho de Poros e Penia, junção do espírito divino, encarnado nos heróis, e do desleixo humano que se arrasta no comum dos existentes: pelo desejo a saudade é esperança, pela dor é lembrança (PASCOAES, 2007, 89-91), e, sendo assim, o Universo é a expressão cósmica da saudade (Id., 1919). Entendida desta forma, a saudade é mais uma estética do que uma ontologia, representada pela *phronêsis*, ou sabedoria prática, mas não pela *sophia* enquanto espaço utópico de agregação de todas as coisas sob o trabalho exigente da reflexão filosófica. Porque assim é, foi ganhando forma na poesia de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, António Patrício, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Mário Beirão, Américo Durão, Anrique Paço d'Arcos, Domingos Monteiro, Florbela Espanca, António Nobre, entre muitos outros. Pascoaes deu-lhe, então, incontornável forma poética e literária, tentando, também, fundamentá-la no campo filosófico da antropologia e da ontologia, enquanto dimensão identitária do sentimento próprio de Portugueses e galegos, distinto de termos de outras latitudes com conotações idênti-

cas: a *dor* romena, a *anyoranza* catalã, a nostalgia, a tristeza, a angústia, a melancolia. Com um percurso tão arreigado às origens da nacionalidade e ao torrão com o qual passámos a fazer fronteira, a Galiza, compreende-se melhor que a saudade se ligue ao mais íntimo sentimento de Portugueses e galegos.

Foram os próprios saudosistas que em torno da saudade ajudaram a criar um pensamento contraditório. Teixeira de Pascoaes, meses antes de morrer (15/03/1952), na conferência intitulada "Da saudade", fazia saber: "A Saudade é um sentimento universal, mas, só na alma lusitana, atinge as alturas supremas da Poesia, contendo uma conceção da vida e da existência. E alcançamos também, por virtude dela, o estado místico perfeito, que é a saudade de Deus personalizada em nós, substituindo-se completamente ao nosso ser, elevado num êxtase sem fim" (Id., 1988, 243). Daqui retiramos que a saudade é um sentimento universal e não particular que atinge o seu auge na poesia lusitana, sendo mais uma característica poética do que racional. O autor de *Marânus* tinha, portanto, evoluído no seu pensamento, pois não era, agora, tão restrito como 40 anos antes, em 1912, quando, em "O espírito lusitano ou o saudosismo", afirmava que "Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma coletiva" (Id., *Ibid.*, 51). No ano seguinte, em 1913, em plena disputa intelectual com António Sérgio sobre o novo enfoque filosófico dado à saudade, sem nunca deixar de ligar o sentimento saudoso ao profundo sentir do povo português e galego, Pascoaes confinava a saudade a uma expressão marcadamente subjetiva, de carácter existencial: "A Saudade, como ela é hoje compreendida [...] representa, portanto, a raça lusitana na sua expressão

subjéctiva; é o seu íntimo perfil eterno e original. O povo português criou um sentimento suscetível de se tornar um alto critério orientador" (*Id., Ibid.*, 110).

É por isso natural que um pensamento poético, mais do que filosófico, teológico mais do que racional, tivesse levado de imediato a severas reações por parte dos seguidores do cientismo racionalista e positivista que continuava a reinar entre boa parte dos intelectuais da república recém-instalada.

O psiquiatra Júlio de Matos perguntava: "Em que se baseia essa renascença? Na Saudade? Mas isso pode lá ser. A saudade é por sua natureza um sentimento depressivo. A saudade é a recordação de uma pessoa querida que nos faltou. Cultivar a saudade é amarrar-se ao passado, é alimentar um estado mórbido, é ajudar a definhar mais a raça" (PROENÇA, 1988, 267). E continua: "O saudosismo é uma espécie de sebastianismo. Mas os sebastianistas ainda têm fé num messias, ainda têm um ideal por que lutam. Os lamechas que só têm saudades... Não têm mais nada" (*Id., Ibid.*, 268). Desta forma, Júlio de Matos associava a glorificação da saudade a uma atitude de regressão ao passado, negadora do progresso, que amarrava o povo português às crendices populares e à exaltação de um tempo que já não volta.

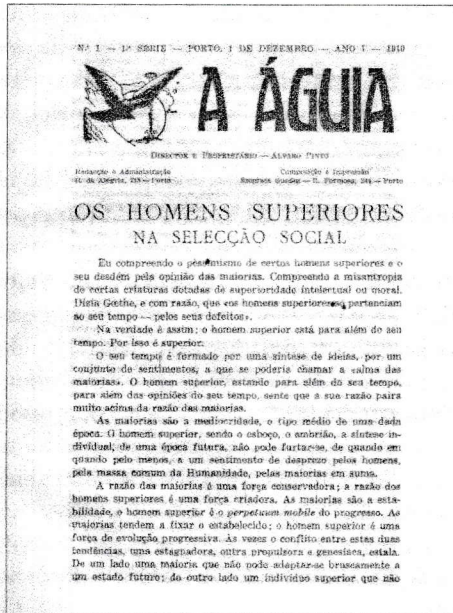
Raul Proença, sem desdenhar o alto valor e a originalidade da poesia e literatura dos "renascentes", nomeadamente Teixeira de Pascoaes, esclarece Júlio de Matos, observando que a renascença, na sua origem, tinha um núcleo do Norte, de poetas e estetas, e um grupo do Sul, de racionalistas e "pessimistas", onde ele se incluía. O grupo do Norte acabou por tomar conta da orientação da revista *A Águia* e o grupo do Sul desistiu de contribuir com um pensamento mais racional para o seu conteúdo. Proença e outros afastaram-se do movimento, pois



Aquilino Ribeiro e Raul Proença.

"o que veio a predominar na *Águia* não foi o lado intelectual da Renascença, mas a sua falange emotiva, mística, amorosa de sonho e de mistério. Por culpa dos elementos do Sul, a poesia tinha tomado posse da *Águia*, da primeira página até à última [...]. O 'saudosismo' a que se refere o Sr. Dr. Júlio de Matos foi assim um elemento *sur-ajouté* e de modo algum orgânico e primitivo da Renascença. Tem plena razão, quando diz, que a Saudade é um sentimento depressivo, incapaz de revigorar uma raça" (*Id., Ibid.*, 272).

António Sérgio também tinha estado na fundação da renascença portuguesa e colaborado em *A Águia*, e, pese embora a admiração que nutria pelo trabalho poético de Teixeira de Pascoaes, desferiu duríssimos golpes contra a saudade, reduzindo-a aos instintos mais primários, e o saudosismo à vinculação de um povo ao passado que se queria ultrapassar por ser um obstáculo ao progresso que se buscava. Tal como Proença, Sérgio, irmanado no ideal

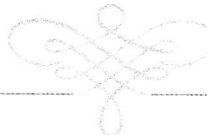


Capa de *A Água*, n.º 1.

racionalista, separara-se do “saudosismo e outras misticidades de igual jaez que por volta de 1910 bretoejaram a inteligência portuguesa” (CARDIA, 1972, 266), escrevendo na *Epistola aos Saudosistas*: “O que caracteriza a saudade é um certo quê de *sentimento*. Por isso Garrett, o poeta, a definiu bem, e Duarte Nunes, o jurista, a definiu mal” (PASCOAES, 1988, 97). Contudo, o “Saudosismo sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: ‘lembrança de alguma cousa como desejo dela’”; e Pascoaes propõe esta: “a velha lembrança gerando o novo desejo” (*Id.*, *Ibid.*, 97-98). O autor dos *Ensaio*s achava que Pascoaes definia a saudade não como característica humana, quanto mais portuguesa, mas como um rude facto geral de toda a animalidade: “O *saudosismo* representa [...] uma ideia artificial e convencional da literatura” (*Id.*, *Ibid.*, 98). A saudade é “imobilismo, inércia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi”

(*Id.*, *Ibid.*, 100). A saudade amarra-nos ao passado e cria resistência à mudança. Quanto ao facto de se exprimir por um termo só existente em Portugal, Sérgio contraria Pascoaes e os outros saudosistas esclarecendo que “o galego tem *soledades*, *soedades*, *saudades*; o catalão *anyoransa*, *anyoramento*; o italiano, *desio*, *dísio*; o romeno, *doru* ou *dor*; o sueco, *saknad*; o dinamarquês, *savn*; e o islandês, *saknaor*” (*Id.*, *Ibid.*, 101). Tudo o que os saudosistas afirmavam vinha agora o racionalista António Sérgio negar. Nem o nacionalismo, nem o sentimentalismo religioso, ainda que de uma religiosidade pagã, conveniam as mentalidades racionalistas e positivistas. A saudade lembrava o destino messiânico associado ao povo português, e tal facto ainda criava mais repulsa em Sérgio, que afirmava em *Regeneração e Tradição, Moral e Economia*: “sou cético a respeito de muita ideia, como as virtudes da saudade e as profecias do Bandarra” (*Id.*, *Ibid.*, 120). A firme rejeição da nova filosofia proposta pelos “renascentes” aparece também em *Explicações Necessárias do Homem da Espada de Pau ao Arcajo da Espada dum Relâmpago*: “O Saudosismo [...] decretou que os tempos de *depois* vieram *antes*, que os predecessores e precedentes foram sucessores e consequentes. Todo o Saudosismo é uma série de sonhos decretados [...]: o que o caracteriza, ao Saudosismo, é a audácia de olhos puros, o santo descaramento da invenção” (*Id.*, *Ibid.*, 146). Mais à frente, conclui de forma jocosa: “Ainda o Saudosismo descobrirá que uma das sublimes originalidades dos Portugueses é ter pernas, tronco, braços e cabeça. Para poder dizer que uma dada qualidade é característica dum povo, faz-se mister estudar os outros povos” (*Id.*, *Ibid.*, 147).

Mas não foram só pensadores racionalistas e positivistas que se insurgiram contra a saudade e o saudosismo.



O integralista António Sardinha também criticou fortemente esta corrente de pensamento, escrevendo que o saudosismo é “a insuficiência dos cânones artísticos, em que o *lirismo* nos aparece confundido com *subjetivismo*. A natureza é deste modo pervertida pelo *saudosismo*, como espécie de ideologia sentimental, mistura doentia de ‘racionalismo e imaginação’” (BOTELHO e TEIXEIRA, 1986, 250-251). O monárquico Fidelino de Figueiredo, em 1917, também se manifestava contra o saudosismo: “como da saudade sentimento se passa para essa vasta arquitetura do Saudosismo, não é fácil explicar, porque coerência lógica e transparente nitidez não são características desta doutrina” (*Id., Ibid.*, 251-252).

A mesma reação cética em relação a uma filosofia da saudade encontra-se ainda em autores como Joaquim de Carvalho, que, no ensaio *Problemática da Saudade* (1950), reconhece que, sendo o séc. XIX o tempo dos romantismos e por isso propenso ao saudosismo, em oposição ao longo período de domínio do cientismo positivista, só por si, “a correlação com as situações espirituais epocais não significa que a temática da saudade seja una e constante” (*Id., Ibid.*, 218). A saudade enquanto característica ontológica identificadora de um povo não parecia ao professor da Univ. de Coimbra poder ser uma marca específica do povo português: “A consciência saudosa, como manifestação do sentido de estar no Mundo, não creio que seja princípio bastante e suficiente de uma explicação metafísica da realidade que se vive, mas a explicação total da realidade que se vive não pode menosprezar os ensinamentos e as correlações implícitas na consciência saudosa” (*Id., Ibid.*, 225-226).

José Marinho, próximo de Pascoaes e de Leonardo Coimbra, é assertivo quando afirma que “viram certo os opositores

a uma estreita conceção patriótica ou nacionalista segundo a qual a saudade redentora, e assim também o messianismo profético para um futuro além dos tempos, eram pertença exclusiva e avara dos Portugueses”, porque, pensa ele, “hoje podem e devem dizer-se formas universais de assumir o enigma e o mais profundo mistério enigmático num povo extremo da Ibéria, povo extremo, cabe longamente pensá-lo, não da Europa, mas da Eurásia, povo que recusa por igual, num sentido, a contraposição de Apolo e Dioniso, e, noutro sentido, a mística absorta ou o grandioso drama humanizado, mas sem saída, de D. Quixote e Sancho Pança” (MARINHO, 1976, 228).

Agostinho da Silva, possuidor do pensamento especulativo mais paradoxal do panorama português, que acompanhou os “renascentes” saudosistas e os “seareiros” racionalistas e positivistas, nas longas reflexões sobre o destino do nosso povo não se coibiu de manifestar o seu antissaudosismo. Entendendo a saudade enquanto sentimento geral e não particular, associou o saudosismo ao declínio de Portugal, entendendo que em Portugal a saudade serve apenas para manter o povo triste e preso a um passado áureo que se tinha esfumado com o nevoeiro de Alcácer Quibir. Para ele, era o Português do Brasil, alegre e descontraído, o Português do samba e não o do fado, que era preciso ressuscitar: “quando qualquer pessoa vai por essa carreira do sentimentalismo português e do fado, etc. [...] Vou em cima disso, que são coisas que eu detesto!” (SILVA, 2000, 157). De uma forma dramática, entre Amália e Eusébio, não hesitava em escolher o segundo: “o Eusébio valia muito mais do que o fado! Mui-tíssimo mais! Pelo menos [...] dava pontapés direitos e para um determinado fito! Com o fado não” (*Id., Ibid.*, 157). Amália até podia ser uma excelente cantora,

contudo, “o que se é uma porcaria. A música e o palavreado, as de a cada um e que português o gosto do desalo. O fado saudosista quanto o samba liberto, transportando-nos de esperança e alegria para nos sentir pelo futuro. Característica do “português” que se quer libertar do passado penoso de e ser agente partícipe de um futuro radioso.

Numa análise de José Barata-Moura, saudosista, eivado de xis, conclui que o não dialetiza; esteticamente pelo possibilidades reais enevoados protest na materialmente” (1997, 13). O saudosismo gressa a tempos ido do novo. Serve-se mentar um passado também, “do ponto o saudosismo desadmir, começando por material do ser, mude” (*Id., Ibid.*, 24). “a abordagem saudosista de *insalubridade*, ao ta de comovida rest ao revisitar (ainda limite, até ‘milena idealizadamente penhor de uma marro” (*Id., Ibid.*, 26).

Ora, se bem que quantos aqueles que pos se têm dedicad saudosismo, a cor pela voz de diverso

contudo, “o que se canta bem pode ser uma porcaria. A música dolente, terrível, e o palavreado, as desgraças que sucedem a cada um e que põem em tanto português o gosto do desastre!” (*Id.*, *Ibid.*, 157). O fado saudosista prende ao passado, enquanto o samba libertador renova o tempo, transportando-nos para um futuro de esperança e alegria. Saudade só a devemos sentir pelo futuro. O samba é a característica do “português à solta”, aquele que se quer libertar dessas amarras a um passado penoso de desgraça e destruição e ser agente participativo na construção de um futuro radioso.

Numa análise estritamente filosófica, José Barata-Moura, ao analisar a tradição saudosista, eivado de uma filosofia da práxis, conclui que o saudosismo “dualiza, não dialetiza; estetiza, não trabalha efetivamente pelo pensamento e pela ação possibilidades reais; consagra (lavrando enevoados protestos), não revoluciona materialmente” (BARATA-MOURA, 1997, 13). O saudosismo promove o regresso a tempos idos e inibe a produção do novo. Serve-se do presente para alimentar um passado que não retorna. Mas também, “do ponto de vista ontológico, o saudosismo desatende (e procura iludir, começando por iludir-se) a unidade material do ser, mistifica a historicidade” (*Id.*, *Ibid.*, 24). Para este pensador, “a abordagem saudosista [...] vem eivada de *insalubridade*, ao instalar-se numa órbita de comovida restrição da historicidade ao revisitar (ainda que ‘intenso’ e, no limite, até ‘milenarista’) de um passado idealizadamente (re)construído como penhor de uma matriz nostálgica de futuro” (*Id.*, *Ibid.*, 26).

Ora, se bem que sem tantos seguidores quantos aqueles que ao longo dos tempos se têm dedicado à gesta do estudo do saudosismo, a corrente antissaudosista, pela voz de diversos pensadores, de todas

as filiações, não se tem inibido de alertar para as insuficiências de um pensamento saudosista que sirva de suporte a um resurgir da nacionalidade no seu esplendor máximo. Só por trazerem algum realismo e manterem um elevado diálogo intelectual em torno de uma categoria que está longe de agregar todos os Portugueses, vale a pena ter em conta os seus argumentos e refletir nas abundantes críticas que vão formulando. O dever, tal como pretendem os saudosistas, é o resultado de diversas sínteses para as quais os antissaudosistas vão dando um importante contributo.

Bibliog.: BARATA-MOURA, José, “Peso, pêsame, pesadelo – para um sopesamento (não saudosista) da saudade”, *Philosophica*, n.º 10, 1997, pp. 3-27; BOTELHO, Afonso, e TEIXEIRA, António Braz (coords.), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, INCM, 1986; BOTELHO, Afonso, *Da Saudade ao Saudosismo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990; CARDIA, Sottomayor (org.), *Seara Nova – Antologia, pela Reforma da República*, vol. II, Lisboa, Seara Nova, 1972; COIMBRA, Leonardo, *Obras Completas*, vol. I, t. II e vol. V, t. II, Lisboa, INCM, 2004 e 2009; COSTA, Dalila L. Pereira da, e GOMES, Pinharanda, *Introdução à Saudade*, Porto, Lello e Irmão, 1976; *Logos*, vol. IV, Lisboa, Verbo, 1992; LOURENÇO, Eduardo, *Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999; MARINHO, José, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, Lello e Irmão, 1976; PASCOAES, Teixeira de, *Os Poetas Lusíadas: Conferências Realizadas no Institut de Estudos Catalans da Cidade de Barcelona, em Junho de 1918*, Porto, Tipografia Costa Carregal, 1919; *Id.*, *A Saudade e o Saudosismo – Dispersos e Opúsculos*, org. Pinharanda Gomes, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988; *Id.*, *Arte de Ser Português*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2007; PROENÇA, Raul, *Polémicas*, org. Daniel Pires, Lisboa, Dom Quixote, 1988; SILVA, Agostinho da, *O Império Acabou. E agora? Entrevista a Antónia de Sousa*, Lisboa, Notícias, 2000; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Saudade Portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 1996.